

HARUKI MURAKAMI

Sul da fronteira, oeste do sol

TRADUÇÃO
Rita Kohl

ALFAGUARA


Sul da fronteira, oeste do sol

1

Eu nasci no dia 4 de janeiro de 1951. Na primeira semana do primeiro mês do primeiro ano da segunda metade do século XX. Pode-se dizer que é uma data digna de comemoração. Por isso, recebi o nome Hajime, que significa começo. De resto, não há nada notável em relação ao meu nascimento. Meu pai trabalhava em uma grande empresa de corretagem e minha mãe era uma dona de casa comum. Meu pai foi recrutado para o serviço militar quando estudante e enviado para Singapura, e depois da guerra passou um tempo em um campo de prisioneiros. A casa da minha mãe foi atingida pelas bombas de um B-29 e destruída pelo fogo, em 1945. Ambos pertenciam à geração marcada pela longa guerra.

Mas, quando eu nasci, os ecos desse período já estavam muito fracos. Onde eu morava não havia ruínas de incêndios nem forças de ocupação. Vivíamos numa cidadezinha tranquila, em um imóvel fornecido pela empresa de meu pai. Uma casa construída antes da guerra, um pouco velha, mas bem espaçosa. O jardim tinha grandes pinheiros, lanternas de pedra e até um pequeno lago.

Morávamos em um subúrbio metropolitano de classe média incrivelmente comum. Todos os colegas de quem fui próximo nesse período viviam em casas relativamente bonitas. O tamanho podia variar um pouco, mas todas tinham halls de entrada e jardins, e nesses jardins cresciam árvores. A maior parte dos pais dos meus colegas trabalhavam em escritórios ou eram profissionais especializados. Famílias nas quais a mãe também trabalhava eram raríssimas. Quase todas as casas tinham um cão ou gato de estimação. Eu não conhecia ninguém que morasse em um apartamento, grande ou pequeno. Mais tarde, me mudei para outro lugar próximo dali, onde a vida era praticamente idêntica. Então, até

entrar na faculdade e me mudar para Tóquio, eu achava que todas as pessoas normais iam para o escritório de terno todos os dias, viviam em casas com quintal e tinham ou um gato, ou um cachorro. Eu não conseguia imaginar, pelo menos não concretamente, outro tipo de vida.

As casas costumavam ter duas ou três crianças. No mundo em que eu vivia, esse era o número médio de filhos que um casal tinha. As famílias de todos amigos de quem consigo me lembrar, desde a infância até a adolescência, se encaixavam nesses padrões. Se não fossem dois filhos, eram três. Se não fossem três, eram dois. Famílias com seis ou sete filhos eram raras, mas famílias com um só filho eram ainda mais incomuns.

Entretanto, eu não tinha irmãos. Era filho único. E, ao longo de toda a juventude, isso me causou um tipo de complexo. Eu era uma criatura anômala naquele mundo, a quem faltava algo que todos consideravam natural.

Quando criança eu odiava essa expressão: “filho único”. Ela parecia reforçar aquilo que eu não tinha. Me apontavam o dedo. *Você é incompleto, cara!*

Naquele mundo, reinava inabalável a crença de que filhos únicos são crianças mimadas pelos pais, franzinas e terrivelmente egoístas. Isso era visto como um fato da natureza, da mesma forma que a pressão do ar é menor no alto das montanhas ou que as vacas dão leite. Por isso, eu odiava quando alguém me perguntava quantos irmãos eu tinha. Bastava eu responder que não tinha irmãos para meu interlocutor pensar: “Ah, então esse aí é mimado, franzino e egoísta”. Essa visão estereotipada me irritava e me feria. Mas o que me irritava e me feria mais profundamente naquela época é que essa era a mais pura verdade. Eu era mesmo um menino mimado, franzino e terrivelmente egoísta.

Na minha escola, filhos únicos eram criaturas raríssimas. Durante os seis anos do primário, só conheci uma criança além de mim que não tinha irmãos. Só uma. Eu me lembro muito bem dela (era uma menina).

Ficamos amigos e conversávamos muito. Posso dizer que realmente nos conectamos. Penso que cheguei a amá-la.

Seu sobrenome era Shimamoto. E mancava da perna esquerda, pois tivera poliomielite ainda bebê. Para completar, ela tinha sido transferida para a nossa escola no meio do curso (no final do quinto ano). Então, eu diria que ela carregava um fardo emocional muito mais pesado do que o meu. Mas esse fardo fizera dela uma filha única muito mais resiliente do que eu, com muito mais autocontrole. Ela nunca se lamentava. Não apenas não manifestava seu desagrado em palavras, como também não o deixava transparecer em suas expressões. Sorria sempre, mesmo quando acontecia algo ruim. Chego a pensar que, quanto mais desagradável fosse a situação em que se encontrava, mais ela sorria. Era um sorriso incrível, que muitas vezes me serviu de consolo e incentivo. “Tudo bem”, parecia dizer. “Tá tudo bem. É só você aguentar um pouquinho mais, e isto também vai passar.” Por isso, sempre que me lembro do rosto de Shimamoto, é esse sorriso que me vem à mente.

Shimamoto tirava boas notas e era, de maneira geral, justa e gentil com todos. Ela era uma figura bastante respeitada dentro da sala. Nesse sentido, ela era bem diferente de mim, apesar de também ser filha única. No entanto, eu não diria que os colegas tinham um apreço incondicional por ela. Ninguém a maltratava ou zombava dela, mas ela não tinha nenhum amigo de verdade, além de mim.

Acho que ela devia ser tranquila demais, controlada demais para eles, o que poderia ser visto como frieza e arrogância. Mas eu conseguia sentir que, por trás daquela fachada, se escondia algo terno e sensível. Estava escondido bem no fundo dela mas, como uma criancinha brincando de esconde-esconde, esperava ser descoberto algum dia. Essa sombra despontava, volta e meia, nas suas palavras e no seu rosto.

Shimamoto já havia mudado de escola muitas vezes, por causa do trabalho do pai. Não lembro direito o que ele fazia. Ela me explicou em

detalhes uma vez mas, assim como a maioria das crianças, eu não ligava muito para a profissão dos pais dos meus amigos. Sei que era um trabalho especializado, algo a ver com bancos, ou a receita federal, algo assim. A casa para a qual ela se mudou também pertencia à empresa do pai, mas era bem grande, em estilo ocidental, cercada por um belo muro de pedra que batia na altura do quadril. Acima desse muro crescia uma cerca viva de vegetação perene, por cujas frestas dava para espiar o gramado no interior.

Shimamoto era uma menina de feições marcantes e constituição grande. Tinha praticamente a minha altura. Mais tarde, provavelmente, se tornaria o tipo de beldade que atrai olhares aonde for. Mas, quando eu a conheci, ela ainda não tinha uma aparência que fizesse jus à sua personalidade. Havia nela certa desarmonia que fazia com que a maioria das pessoas não a considerasse bonita. Acho que talvez fosse porque coexistiam dentro dela partes que já eram apropriadas para uma mulher adulta e partes que queriam continuar sendo criança, e ambas não se conectavam muito bem. Às vezes, esse tipo de desarmonia deixa as pessoas aflitas.

Morávamos muito perto um do outro (a casa dela ficava literalmente em frente à minha), e talvez por isso, durante seu primeiro mês na nova escola, os professores a fizeram sentar ao meu lado. Expliquei a ela todos os detalhes necessários para o dia a dia na escola. Falei sobre os livros didáticos, as provas semanais, o material usado em cada aula, onde estávamos em cada matéria, como funcionava o revezamento para limpar a sala e servir as refeições, esse tipo de coisa. Era costume na minha escola que os alunos novos fossem orientados por alguém que morasse próximo deles. No caso de Shimamoto, o professor me chamou e pediu que eu a tratasse com atenção especial, por causa de sua perna ruim.

Nos primeiros dias, ficamos desconfortáveis e acanhados, como qualquer criança de onze ou doze anos diante de um desconhecido do sexo oposto. Mas, quando descobrimos que éramos ambos filhos únicos,

nossas conversas se tornaram muito mais animadas e íntimas. Era a primeira vez que conhecíamos outro filho único. Passamos a discutir, com grande fervor, como era não ter irmãos. Tínhamos muito a dizer sobre o assunto. Também voltávamos juntos da escola — não todo dia, mas quando calhava de nos encontrarmos na saída. Nesses dias falávamos sobre muitos assuntos, caminhando devagar (tinha de ser devagar, por causa da perna dela) por cerca de um quilômetro. Descobrimos que havia muito em comum entre nós. Gostávamos de ler. Gostávamos de ouvir música. De gatos. Éramos ruins em explicar nossos sentimentos para as pessoas. A lista de alimentos que não comíamos era bastante longa. Estudar assuntos que nos interessavam não era nenhum sofrimento, mas estudar para as matérias de que não gostávamos era terrível. A grande diferença entre nós era que ela fazia um esforço consciente para proteger a si mesma. Dedicava-se inclusive às matérias de que não gostava e tirava notas muito boas. Eu, não. Quando serviam no almoço da escola alguma comida que não era do seu agrado, ela comia mesmo assim. Eu, não. Em outras palavras, a muralha que ela construía como autodefesa era muito mais alta e resistente do que a minha. Mas o que havia no interior dessa muralha era surpreendentemente parecido comigo.

Eu logo me habituei a estar sozinho com Shimamoto. Essa era uma experiência nova para mim. Quando estava com ela eu não sentia a mesma inquietação nervosa de quando estava com outras meninas. Gostava de acompanhá-la até em casa. Shimamoto caminhava arrastando um pouco a perna esquerda. Às vezes, se sentava no banco de um parque para descansar. Mas isso nunca me incomodou. Pelo contrário, eu até me alegrava em demorar um pouco mais.

Assim, nós dois estávamos sempre juntos, mas não tenho memória dos colegas zombarem de nós por causa disso. Na época isso nem passou pela minha cabeça, mas hoje acho um pouco surpreendente que não tenha acontecido. Afinal, crianças dessa idade costumam reparar e fazer alarde

quando um menino e uma menina ficam mais próximos. Acredito que, se não faziam isso, era devido à personalidade de Shimamoto. Havia algo nela que deixava as pessoas ao redor um pouco tensas. Tinha uma aura que avisava: “Melhor não falar bobagem pra essa menina”. Até os professores às vezes pareciam um pouco nervosos ao falar com ela. Talvez isso tivesse a ver com sua perna ruim. Seja como for, todos pareciam achar que não seria apropriado zombar dela, o que, indiretamente, foi uma sorte para mim.

Por causa de sua perna, Shimamoto não participava das aulas de educação física. Também faltava nas excursões ou trilhas nas montanhas, ou em coisas como o acampamento de natação durante o verão. Nos dias de gincana, parecia deslocada. Mas, de resto, ela levava uma vida normal de estudante de escola primária. Raramente mencionava a perna. Eu não me lembro de nenhuma vez em que tenha falado dela. Quando voltávamos juntos da escola ela não pedia desculpas por andar devagar nem dava a entender que se sentia mal por isso. Mas eu sabia que a perna a incomodava e que era justamente por isso que ela não tocava no assunto. Não gostava de ir à casa de outras pessoas, pois tinha que descalçar os sapatos na entrada. Seus sapatos tinham formato e altura um pouco diferentes entre si e ela não queria que as pessoas reparassem. Deviam ser feitos sob medida. Percebi isso porque, ao chegar em casa, a primeira coisa que ela fazia era guardar os sapatos na sapateira que ficava na entrada.

Na sala de sua casa havia um aparelho de som estéreo de último modelo, e eu ia lá bastante para ouvir música. Era um aparelho excelente. A coleção de discos do pai de Shimamoto, no entanto, não era tão boa assim, devia ter no máximo uns cinquenta volumes. A maior parte era música clássica light, para iniciantes. Escutamos esses cinquenta LPs incontáveis vezes. Até hoje, me recordo exatamente de cada nota deles.

Era Shimamoto quem mexia nos discos. Ela tirava o LP da capa, usava as duas mãos para colocá-lo sobre o prato da vitrola, atenta para não

encostar os dedos nas ranhuras, depois limpava a poeira do cartucho com um pequeno pincel e baixava, devagar, a agulha. Quando o vinil chegava ao fim, ela passava um spray antipoeira no disco e o secava com um feltro. Então o guardava de volta na capa e devolvia para o lugar original na estante. Fazia todos esses passos, que devia ter aprendido com o pai, com uma expressão tremendamente séria. Estreitava os olhos e chegava até a conter a respiração. Sentado no sofá, eu assistia a seus movimentos. Só depois de recolocar o disco em seu lugar, ela me olhava e dava seu pequeno sorriso de sempre. E todas as vezes eu pensava que o que ela estava manuseando não devia ser apenas um disco, mas um vidro contendo a alma delicada de alguém.

Na minha casa não havia vitrola nem discos. Meus pais não ligavam muito para música. Então eu vivia no meu quarto grudado a um radiozinho AM de plástico, ouvindo música. Costumava ouvir rock ou coisas do gênero. Mas logo aprendi a gostar da música clássica que ouvia na casa de Shimamoto. Aquela música pertencia a outro mundo, e talvez o que mais me atraísse nesse mundo era o fato de Shimamoto fazer parte dele. Uma ou duas vezes por semana eu sentava no seu sofá e, tomando o chá preto que a mãe dela nos servia, passava a tarde escutando aberturas de Rossini, a *Pastoral* de Beethoven, *Peer Gynt*. Sua mãe gostava quando eu a visitava. Ela parecia contente por ver que a filha tinha feito um amigo na nova escola em tão pouco tempo, e também devia ficar satisfeita por eu ser um menino comportado e estar sempre arrumadinho. No entanto, para falar a verdade, eu não conseguia simpatizar com ela. Ela nunca fez nada concreto que me desagradasse, sempre me tratou com gentileza. Mas sua voz tinha algo de irritadiço que às vezes me deixava desconfortável.

O disco que eu mais gostava na coleção do pai de Shimamoto era de concertos para piano de Liszt. O lado A tinha o *Concerto no 1* e o lado B, o *Concerto no 2*. Eu gostava dele por duas razões. Primeiro porque a capa do disco era muito bonita, e segundo porque eu não conhecia ninguém

— fora Shimamoto, é claro — que conhecesse os concertos para piano de Liszt. Essa ideia me causava certa empolgação. Era um mundo que ninguém ao meu redor conhecia, só eu. Como um jardim secreto no qual só eu podia entrar. Para mim, ouvir esses concertos de Liszt significava nada menos do que me alçar a um novo patamar da vida.

E, além disso, eram músicas muito bonitas. No começo, me pareceram composições exageradas, técnicas demais, meio erráticas. Mas, depois de escutá-las várias vezes, elas foram tomando forma na minha mente, como uma imagem turva que vai, pouco a pouco, ganhando foco. Quando escutava concentrado, de olhos fechados, enxergava vários redemoinhos girando naquelas composições. Um redemoinho surgia e, a partir dele, brotava mais um, que depois se conectava a mais outro. Hoje em dia, percebo que esses redemoinhos eram algo conceitual, abstrato. Eu queria contar a Shimamoto sobre eles, mas não era o tipo de coisa que eu poderia explicar usando as palavras comuns do dia a dia. E eu também não sabia se valia a pena tentar explicar para outra pessoa essas coisas que eu sentia.

Infelizmente, não me lembro do nome do pianista que tocava essas composições de Liszt. Só me lembro da capa colorida e bonita e do peso do disco. Era tão espesso e pesado que chegava a ter um ar de mistério.

Além da música clássica, havia na coleção da casa de Shimamoto um disco de Nat King Cole e um de Bing Crosby. Ouvimos esses dois discos inúmeras vezes. O de Crosby era uma coletânea de músicas natalinas, mas nós a escutávamos em qualquer estação. Hoje, acho incrível a gente não ter enjoado deles.

Certo dia, perto do Natal, eu e Shimamoto estávamos na sala da casa dela. Sentados no sofá, como sempre, ouvindo música. A mãe tinha saído para fazer alguma coisa e estávamos sozinhos em casa. Era uma tarde escura e nublada de inverno. Depois de ultrapassar, com esforço, a camada de nuvens pesadas e baixas, a luz do sol parecia ter sido reduzida a pó. Todas as coisas tinham uma aparência embotada e sem vida. O pôr

do sol já se aproximava e o interior da sala estava escuro como se fosse noite. Acho que a luz não estava acesa. Só o brilho avermelhado do aquecedor a gás reluzia nas paredes. Nat King Cole cantava “Pretend”. Não entendíamos nada da letra em inglês, é claro. As palavras soavam como um encantamento. Mas gostávamos daquela música e, de tanto escutá-la, conseguíamos imitar a pronúncia das primeiras frases:

Pretend you're happy when you're blue

It isn't very hard to do...

Hoje em dia eu entendo o que elas querem dizer, é claro: “Finja estar feliz quando estiver triste. Não é tão difícil assim”. Uma canção como o sorriso charmoso que Shimamoto mantinha todo o tempo. É uma forma de pensar, sem dúvida. Mas, às vezes, pode ser difícilimo.

Shimamoto vestia um suéter azul de gola redonda. Ela tinha vários suéteres azuis, acho que devia gostar dessa cor. Ou, quem sabe, era porque combinavam com o casaco azul-marinho que ela sempre usava na escola. A gola de sua camisa branca aparecia sob o suéter. Usava também uma saia xadrez e meias de algodão brancas. O suéter era justo e o tecido macio me permitia vislumbrar o volume discreto em seu peito. Ela estava sentada no sofá com as duas pernas dobradas sob o corpo. Ouvia a música e tinha um dos cotovelos apoiado sobre o encosto e o olhar de quem contempla uma paisagem distante.

— Ei — disse ela. — Você acha que é verdade que os pais que só têm um filho não se dão muito bem?

Pensei um pouco a respeito, mas não entendi muito bem a relação entre as duas coisas.

— Onde você ouviu isso?

— Alguém me falou, já faz tempo. Que quando um casal só tem um filho, é porque eles não se gostam muito. Achei triste...

— Hum...

— Seu pai e sua mãe se dão bem?

Não consegui responder na hora. Nunca tinha pensado no assunto.

— No meu caso, foi porque a saúde da minha mãe não é muito boa — falei. — Não entendo muito bem, mas parece que ter um bebê exige muito do corpo.

— Às vezes você pensa como seria se tivesse irmãos?

— Não.

— Não? Por que não?

Peguei a capa do disco que estava sobre a mesa e a examinei. Estava escuro demais para ler as letras impressas. Devolvi-a para a mesa e cocei os olhos com os punhos. Minha mãe já tinha me feito a mesma pergunta. E a resposta que dei não a deixou nem feliz, nem triste. Ao ouvi-la, ela só olhou para mim um pouco confusa. Mas era a resposta mais verdadeira e sincera que eu poderia ter dado.

Foi uma resposta bem longa, pois eu não consegui expressar meus pensamentos concisamente. Mas o que eu queria dizer, no fim das contas, era o seguinte: “Eu, do jeito que existo hoje, cresci sem irmãos. Se eu tivesse irmãos, teria me tornado alguém diferente de quem sou hoje. Então, não faz sentido tentar pensar como seria se eu, como existo hoje, tivesse tido irmãos”. Por isso, a pergunta feita pela minha mãe era incoerente.

Dei a mesma resposta para Shimamoto. Ela ficou me olhando. Sua expressão tinha algo que atraía as pessoas. Era uma sensação sensual — foi o que pensei tempos depois —, como se ela fosse retirando delicadamente, uma a uma, as camadas que envolviam o coração de seu interlocutor. Ainda hoje me lembro bem de como seus lábios finos se moviam sutilmente com cada expressão, e do brilho vago que se escondia no fundo de seus olhos. Como a chama de uma pequena vela, no fundo de um quarto estreito e comprido.

— Acho que entendo o que você quer dizer — disse ela, num tom contido e adulto.

— Entende?

— Sim — disse Shimamoto. — Acho que nesse mundo tem coisas que se pode remediar e coisas que não se pode remediar. E a passagem do tempo é irreparável. Agora que você já chegou até aqui, não dá mais pra voltar atrás. Não acha?

Eu concordei.

— As coisas vão endurecendo conforme o tempo passa, como cimento dentro de um balde. E, quando isso acontece, não tem como voltar. O que você quer dizer, resumindo, é que o cimento que te formou já está totalmente seco, e agora não existe mais nenhum você que não seja este. Não é isso?

— É, acho que sim — respondi, um pouco em dúvida.

Shimamoto encarou as próprias mãos.

— Sabe, às vezes fico pensando sobre quando eu crescer e me casar... Como vai ser minha casa, o que vou fazer. E penso também em quantos filhos vou ter.

— Puxa — falei.

— Você não pensa nisso?

Eu balancei a cabeça. Um menino de doze anos não pensaria nesse tipo de coisa.

— E quantos filhos você quer ter?

Ela tirou a mão do encosto do sofá e a pousou sobre os joelhos. Fiquei acompanhando o movimento de seu dedo, que traçava devagar as linhas do xadrez da saia. Havia algo de místico naquela ação. Como se um fio delicado saísse de seu dedo e fiasse um novo tempo. Fechei os olhos e vi os redemoinhos se formando na escuridão. Muitos deles surgiam e desapareciam sem ruído. A voz de Nat King Cole me alcançou de longe, cantando “South of the Border”. Ele se referia ao México, é claro, mas naquela época eu não sabia disso. Só achava que as palavras tinham uma sonoridade curiosa. Sempre que ouvia essa música, ficava pensando o que poderia haver ao sul da fronteira. Abri os olhos e Shimamoto

continuava movendo o dedo sobre o tecido da saia. Senti uma pontada doce no interior do meu corpo.

— É estranho — disse ela. — Mas eu só consigo me imaginar tendo um filho. Eu até consigo imaginar como seria ter filhos. Imaginar que sou mãe, com um bebê nos braços. Mas não consigo imaginar irmãos para essa criança. Ela não tem nenhum. É filha única.

Sem dúvida Shimamoto era uma menina precoce, e sem dúvida gostava de mim como indivíduo do sexo oposto. E eu sentia o mesmo. Mas eu não sabia como lidar com isso. Acho que nem ela sabia. Andamos de mãos dadas uma única vez. Ela estava me levando para algum lugar e pegou minha mão, como quem diz “vamos logo, é aqui”. Provavelmente nos tocamos só por uns dez segundos, mas para mim pareceram trinta minutos. E, quando ela soltou, eu gostaria de ter continuado de mãos dadas. Ela tinha pegado minha mão com muita naturalidade, mas eu sabia que na verdade fizera isso de propósito, para ver como era.

Até hoje eu me lembro perfeitamente do toque da sua mão nesse dia. Foi uma sensação diferente de tudo o que eu conhecia. E diferente de tudo o que vim a conhecer mais tarde. Era só a mão pequena e morna de uma menina de doze anos. Mas aqueles cinco dedos e aquela palma continham, como uma amostra, tudo o que eu queria saber e tudo o que precisava saber aos doze anos. Ao me dar a mão, ela me ensinou: um lugar assim existe de verdade, no mundo real. Durante aqueles dez segundos eu me senti um pequeno pássaro, perfeito. Voando pelos ares, em meio ao vento. Enxerguei, do alto, uma paisagem distante. Era longe demais para ver exatamente o que havia lá, mas vi que ela existia. E que um dia eu chegaria lá. Essa descoberta me deixou sem fôlego e me agitou o peito.

Quando voltei para casa, sentei diante da escrivaninha no meu quarto e fiquei encarando, por muito tempo, a mão que Shimamoto havia

apertado. Eu estava muito feliz por ela ter feito isso. Essa sensação agradável aqueceu meu coração por vários dias. Mas, ao mesmo tempo, me deixou confuso, perdido, triste. Pois eu não sabia o que fazer com esse calor, para onde direcioná-lo.

Ao final do primário, eu e Shimamoto fomos para escolas diferentes. Várias coisas aconteceram e eu mudei da casa onde vivera até então para uma em outra cidade. Digo outra cidade, mas ficava a apenas duas estações de trem de distância, então ainda fui visitá-la algumas vezes. Devo ter ido três ou quatro vezes nos primeiros três meses depois de me mudar. Mas foi só isso. Acabei parando de ir. Nós dois estávamos tentando sobreviver a uma idade muito delicada. Para mim, o fato de estudarmos em escolas diferentes e morarmos a duas estações de distância já tornava nossos mundos completamente distintos. Tínhamos amigos diferentes, uniformes diferentes, livros diferentes. Até o meu corpo, minha voz e a forma como eu sentia as coisas estavam se transformando muito rápido e, conforme isso acontecia, a intimidade que antes existia entre nós foi ficando desajeitada. Quer dizer, ela parecia estar passando por transformações, físicas e psicológicas, ainda mais intensas do que as minhas. E isso me deixava um pouco desconfortável. Também senti que sua mãe me lançava olhares mais críticos. Pareciam dizer: “Por que esse menino continua vindo aqui em casa? Ele já não mora mais aqui, nem estuda na mesma escola...”. Talvez fosse só impressão minha, mas o fato é que, naquela época, seu olhar me incomodava.

Assim, fui me afastando cada vez mais de Shimamoto, até que parei de visitá-la. Mas isso, provavelmente (acho que só posso dizer “provavelmente”, pois não é meu papel, afinal, analisar a vastidão de memórias que chamamos de passado e julgar o que é certo ou não), foi um erro. Eu devia ter continuado bem próximo de Shimamoto. Eu precisava dela, e acho que ela também precisava de mim. Mas era

inseguro demais, tinha muito medo de me machucar. Depois disso só voltei a vê-la muito mais tarde.

Mesmo depois que parei de encontrar Shimamoto, sempre pensei nela com muito carinho. Essa memória terna serviu de incentivo e conforto durante o período confuso e doloroso da adolescência. E acho que mantive, por muito tempo, um pedaço do meu coração vazio, destinado especialmente para ela. Como uma mesa tranquila, no fundo de um restaurante, com uma discreta placa de “reservado”. Mesmo acreditando que eu jamais a veria novamente.

Na época em que convivi com ela eu tinha apenas doze anos, ainda não sentia desejo sexual de verdade. Sentia um interesse indefinido pelo volume em seu peito e pelo que havia debaixo de sua saia. Mas eu não sabia, concretamente, qual era o sentido disso, nem para onde isso me levaria. Só escutava com atenção, de olhos fechados, e imaginava o que deveria haver lá. Era uma paisagem incompleta, claro. Tudo era vago, encoberto pela névoa, com contornos difusos e indistintos. Mas eu podia sentir que algo importantíssimo para mim se escondia naquela paisagem. E eu sabia: Shimamoto via a mesma cena.

Acho que nós dois éramos criaturas incompletas e pressentíamos que algo estava prestes a surgir à nossa frente, algo que ainda teríamos que alcançar e que preencheria nossa incompletude. Estávamos diante de uma nova porta. Só nós dois, parados sob a luz difusa e tênue, de mãos dadas por apenas dez segundos.

2

Durante o ensino médio, eu fui um adolescente normal. Essa foi a segunda etapa da minha vida: me tornar uma pessoa normal. Desistir de tentar ser uma pessoa especial e virar uma pessoa normal foi parte da minha evolução pessoal. É claro que um observador atento logo veria que eu tinha várias questões mal resolvidas. Mas também, que jovem de dezesseis anos *não* tem várias questões mal resolvidas? Nesse sentido, ao mesmo tempo em que me aproximei do mundo, ele também se aproximou de mim.

Em todo caso, aos dezesseis anos eu já não era mais o filho único franzino de antes. Quando mudei de escola, comecei a frequentar uma piscina perto de casa. Aprendi a técnica do crawl e passei a nadar com afinco, duas vezes por semana. Graças a isso, logo meus ombros e peito se avolumaram e meus músculos foram ganhando forma. Deixei de ser um menino que ficava com febre e caía de cama por qualquer coisa. Nessa época eu costumava ficar nu diante do espelho do banheiro, examinando longamente meu corpo. Ele se transformava a olhos vistos e eu gostava de acompanhar essa transformação. O que me alegrava não era o fato de eu estar me aproximando pouco a pouco da forma de um adulto. Mais do que o crescimento em si, o que me dava prazer era o fato de eu estar me transformando. Ficava feliz por não ser mais quem eu era antes.

Eu lia muito e escutava música o tempo todo. Sempre gostei de livros e de música, mas ambos os hábitos tinham sido incentivados e refinados pela convivência com Shimamoto. Comecei a frequentar uma biblioteca e lia tudo o que encontrava lá, um livro atrás do outro. Quando começava a ler, não conseguia mais parar. Era como uma droga. Lia

durante as refeições, no trem, na cama até amanhecer, escondido durante as aulas. Em dado momento consegui comprar meu próprio toca-discos e, sempre que podia, me enfiava no quarto e ficava ouvindo LPs de jazz. Mas eu não tinha vontade de conversar sobre meus gostos com ninguém. Pelo contrário, ficava tranquilo e satisfeito por saber que eu era eu e não nenhuma outra pessoa. Nesse sentido, eu era um menino terrivelmente solitário e arrogante. Detestava esportes em grupo. Também não gostava de competir com os colegas para ver quem tirava as melhores notas. Só gostava de nadar, sozinho.

Entretanto, eu não era totalmente solitário. Fiz alguns amigos próximos na escola, ainda que não fossem muitos. Sinceramente, nunca gostei da escola. Sentia constantemente que todos estavam tentando me esmagar e que eu precisava me defender. Se não fosse por esses amigos, minha adolescência teria sido muito mais difícil e teria deixado cicatrizes muito mais profundas.

Depois que comecei a me exercitar, a lista de coisas que eu não comia diminuiu bastante e eu também parei de enrubescer sem motivo sempre que falava com uma menina. Mesmo se o fato de eu não ter irmãos surgisse em alguma conversa, ninguém ligava muito. Eu parecia, pelo menos por fora, ter me libertado da maldição de ser filho único.

E arrumei uma namorada.

Não era uma menina particularmente linda. Quer dizer, não era o tipo de menina que sua mãe aponta ao ver uma foto da classe e diz, com um suspiro: “Como chama essa menina? Que linda!”. Mas eu a achei bonita desde a primeira vez que a vi. Ela tinha um jeito sincero e caloroso que atraía naturalmente as pessoas, o tipo de coisa que as fotografias não mostram. Não era uma beldade da qual eu pudesse me gabar por aí, mas, pensando bem, eu também não era um partido digno de nota.

Nós dois caímos na mesma turma no segundo ano e saímos várias vezes. Primeiro, em encontros com outros casais, depois só nós dois. Eu

me sentia surpreendentemente à vontade quando estava com ela. Conseguia falar sobre qualquer assunto e ela se mostrava interessada e parecia se divertir. Eu não dizia nada de mais, mas ela escutava com entusiasmo, como se eu estivesse falando de grandes descobertas que iriam mudar o mundo. Era a primeira vez, desde que eu deixara de encontrar Shimamoto, que uma menina me escutava com atenção. Ao mesmo tempo, eu queria saber tudo sobre ela, qualquer detalhe, por menor que fosse. O que ela comia todos os dias. Como era seu quarto. Qual era a vista da sua janela.

Ela se chamava Izumi, que quer dizer “nascente de água”. “Que nome lindo”, eu disse na primeira vez que conversamos. “Parece que, se você jogar um machado, vai aparecer uma fada”, falei, e ela deu risada. Izumi tinha uma irmã três anos mais nova e um irmão cinco anos mais novo. O pai era dentista e, como não poderia deixar de ser, eles moravam em uma casa e tinham um cachorro, um pastor-alemão chamado Karl. O incrível é que o cachorro tinha esse nome por causa de Karl Marx. O pai de Izumi era membro do Partido Comunista Japonês. Há de haver certo número de dentistas comunistas no mundo. Juntando todos, deve dar para encher quatro ou cinco ônibus grandes. Mas o fato de o pai da minha namorada ser um deles era um pouco estranho. Os pais dela eram loucos por tênis e todos os domingos saíam de raquete embaixo do braço para jogar. A ideia de um comunista aficionado por tênis me soava esquisita, mas Izumi não parecia se importar. Ela não tinha nenhum interesse pelo Partido Comunista, mas gostava dos pais e frequentemente jogava tênis com eles. Ela chegou a sugerir que eu jogasse também, mas nunca consegui apreciar esse esporte.

Izumi tinha inveja de mim por eu ser filho único. Não gostava muito de seus irmãos. Achava-os insensíveis, uns idiotas sem salvação.

— Seria tão bom se eles sumissem! — dizia. — Deve ser maravilhoso não ter irmãos. Sempre sonhei em ser filha única... Poderia fazer o que eu quisesse, tranquilamente, sem ninguém pra me encher o saco.

No terceiro encontro, eu a beijei. Ela tinha ido me visitar em casa e em algum momento minha mãe saiu para fazer compras. Nós ficamos sozinhos. Quando aproximei meu rosto e pousei os lábios nos dela, Izumi fechou os olhos, sem dizer nada. Eu havia preparado uma dúzia de justificativas para usar caso ela ficasse brava ou virasse a cara, mas no fim não precisei usar nenhuma. Ainda com os lábios sobre os seus, abracei-a e a puxei para perto. Era fim de verão e ela usava um vestido de tecido anarruga, com uma faixa na cintura que fazia um laço às suas costas e caía como uma cauda. Senti o fecho de seu sutiã contra a palma da minha mão. Sua respiração no meu pescoço. Meu coração batia tão forte que parecia prestes a saltar para fora do corpo. Meu pênis, explodindo de tão duro, roçou sua coxa e ela moveu o corpo um pouco para o lado. Mas só isso. Não pareceu achar estranho, nem desagradável.

Ficamos assim, abraçados, no sofá da sala de estar da minha casa. Meu gato estava sentado na poltrona oposta. Ele lançou um olhar em nossa direção, se espreguiçou em silêncio e voltou a dormir. Afaguei os cabelos de Izumi e encostei os lábios na sua pequena orelha. Pensei que precisava dizer alguma coisa, mas não me ocorreu absolutamente nenhuma palavra. Além do mais, mesmo que quisesse falar, não teria fôlego para isso. Então apertei a mão dela e a beijei mais uma vez. Por muito tempo, nenhum de nós falou nada.

Quando Izumi foi embora, depois de acompanhá-la até a estação de trem, eu fiquei muito agitado. Voltei para casa, deitei no sofá e fiquei encarando o teto. Não conseguia pensar em nada. Depois de um tempo minha mãe voltou e falou que o jantar estaria pronto em breve. Mas a última coisa que eu tinha era fome. Calcei os sapatos, saí de casa sem dizer nada e perambulei pela cidade por duas horas. Me sentia estranho. Eu não estava mais sozinho, mas ao mesmo tempo sentia uma solidão profunda como nunca tinha experimentado. Não conseguia avaliar direito a profundidade dos objetos, como alguém que usa óculos pela

primeira vez na vida. Via coisas distantes como se estivessem ao alcance da mão e enxergava nitidamente coisas que não deviam ser nítidas.

“Fiquei muito feliz. Obrigada”, dissera Izumi, ao se despedir.

Eu também estava feliz, é claro. Mal acreditava que uma menina havia permitido que eu a beijasse. Como eu não estaria feliz? Porém, não conseguia me entregar totalmente a essa alegria. Me sentia uma torre sem alicerces. Quanto mais eu me esforçava para enxergar ao longe, lá do alto, mais meu coração oscilava, me deixando atordoado. “Por que ela?”, perguntei a mim mesmo. “O que eu sei sobre ela, afinal?” Nós só havíamos nos encontrado umas poucas vezes e conversado sobre amenidades. Fui ficando aflito enquanto pensava nisso. Era uma sensação agonizante.

Se fosse com Shimamoto, eu não estaria me sentindo tão perdido. Nós nos aceitaríamos completamente, sem dizer nada, e não haveria espaço para qualquer insegurança ou incerteza.

“Mas Shimamoto já não está mais aqui”, pensei. Agora ela vive no seu novo mundo, assim como eu vivo no meu. Então, não posso ficar comparando Izumi e ela. Não vai adiantar nada. Eu estou neste mundo e a porta que me conectava ao mundo anterior já se fechou às minhas costas. Agora, preciso me estabelecer, de algum jeito, neste mundo novo que me rodeia.

Fiquei acordado até o céu começar a clarear, ao leste. Então me deitei, dormi por umas duas horas, tomei um banho e fui para a escola. Queria uma oportunidade de conversar um pouco com Izumi e confirmar o que acontecera entre nós no dia anterior. Queria saber, da sua boca, se seus sentimentos não haviam mudado. É verdade que, antes de ir embora, ela me agradecera e dissera que estava feliz. Mas, depois que a noite clareou e um novo dia começou, tudo pareceu uma ilusão que eu havia criado sozinho, na minha mente. Não consegui nenhuma brecha para conversar com Izumi a sós. Ela passou os intervalos conversando com as amigas e, assim que as aulas acabaram, foi embora sozinha. Só uma vez, quando

estávamos trocando de sala, nossos olhares se cruzaram no corredor. Ela me sorriu por um instante e eu sorri de volta. E foi só isso. Mas eu pude sentir, nesse sorriso, uma espécie de confirmação dos acontecimentos do dia anterior. “Tá tudo bem, aquilo aconteceu mesmo”, dizia ele. Quando peguei o trem para casa, minha confusão já havia se dissipado quase por completo. Meu desejo por ela era evidente, e muito mais saudável e intenso do que a dúvida e a incerteza que me assolavam no dia anterior.

O que eu desejava era inequívoco. Em primeiro lugar, eu queria Izumi nua. Queria tirar sua roupa. Depois, queria transar com ela. Para mim, esse era um destino muito distante. Para que as coisas caminhassem, eu precisava de um acúmulo de imagens concretas. Para chegar ao sexo seria necessário, antes de qualquer coisa, abrir o zíper do vestido. E, entre esses dois acontecimentos, certamente havia um processo que envolvia umas vinte ou trinta decisões e análises complexas.

A primeira providência que tomei foi tentar conseguir uma camisinha. Mesmo que o momento em que ela seria necessária ainda estivesse bem longe, achei que seria bom já deixar essa parte resolvida, pois ninguém sabia quando a necessidade poderia surgir. Mas comprar em uma farmácia estava fora de cogitação. Minha cara não deixava dúvidas de que eu era um estudante de dezesseis anos, e eu jamais teria coragem. Havia algumas máquinas de venda pela cidade, mas se alguém me visse comprando isso as coisas ficariam complicadas. Passei três ou quatro dias remoendo a questão.

Mas, no fim, foi bem mais simples do que eu esperava. Eu tinha um amigo relativamente entendido nesses assuntos, então tomei coragem e falei com ele: estou querendo umas camisinhas, qual é o melhor jeito de conseguir? Ele respondeu como se não fosse nada de mais: “Ah, isso é fácil, se você quiser eu te arranjo uma caixa. Meu irmão comprou um monte, pelo correio ou coisa assim. Não sei por que ele comprou tantas, tá tudo enfiado no armário, um monte. Se eu pegar uma caixa ele nem vai reparar”. Respondi que, se ele pudesse fazer isso, seria ótimo. E então,

*image
not
available*

naquele mesmo lugar, minha namorada estava me interrogando sobre camisinhas. Ergui os olhos para o céu e vi um milhafre-preto desenhando um belo círculo no ar. Imaginei como devia ser maravilhoso ser um milhafre. Podiam só voar à vontade pelos céus. No mínimo, não precisavam se preocupar com contracepção.

— Você gosta mesmo de mim? — perguntou ela, baixinho.

— Claro! — respondi. — É claro que eu gosto de você.

Ela me encarou, com os lábios cerrados numa linha reta. Ficou me olhando por tanto tempo que comecei a me sentir desconfortável.

— Eu também gosto de você — disse ela depois de um tempo.

“Mas”, pensei.

— Mas... — continuou ela, como eu temia. — Queria que você fosse com calma.

Eu assenti.

— Não seja impaciente. Eu tenho o meu ritmo. Não sou uma pessoa muito veloz. Preciso de tempo pra me preparar pras coisas. Você consegue esperar?

Concordei mais uma vez, em silêncio.

— Promete? — disse ela.

— Prometo.

— Não vai me magoar?

— Não vou — falei.

Izumi encarou os próprios sapatos por um tempo. Eram mocassins pretos totalmente comuns. Ao lado dos meus, pareciam de brinquedo, de tão pequenos.

— Fico com medo — disse ela. — Sei lá, às vezes eu me sinto um caramujo que perdeu a casca.

— Eu também tenho medo — falei. — Às vezes eu me sinto uma rã sem membranas entre os dedos.

Ela ergueu o rosto e olhou para mim. Depois deu um sorriso leve.

*image
not
available*

*image
not
available*

persuadi-la, investiria quanto tempo fosse necessário em convencê-la a dormir comigo. Mas, no fim das contas, minha convicção não foi suficiente para isso. Eu não passava de um jovem imprudente de dezessete, dezoito anos, com a cabeça tomada pelo desejo e pela curiosidade. Mas em algum canto da minha mente eu sabia que, se ela não queria transar, eu não devia forçar nada. Devia esperar, pacientemente, o momento certo.

Só uma vez eu abracei Izumi nua. Declarei a ela, sem rodeios, que não queria mais fazer isso por cima da roupa. Que, se ela não quisesse transar, tudo bem, não precisávamos. Mas eu queria ver seu corpo nu e abraçá-la sem nenhuma roupa entre nós. Eu tinha que fazer isso, não aguentava mais.

Izumi pensou um pouco e disse que, se eu queria mesmo, ela poderia fazer isso.

— Mas você tem que me prometer — disse ela, muito séria — que vai ser só isso. Você não vai fazer nada que eu não queira.

Ela foi à minha casa em um domingo. Era começo de novembro, o dia estava muito bonito, mas já um pouco frio. Meus pais tinham saído para um compromisso familiar. Acho que era aniversário de morte de alguém da minha família paterna, e na verdade era para eu ter ido também, mas disse que precisava estudar para uma prova e fiquei sozinho em casa. Eles só voltariam tarde da noite. Izumi chegou no começo da tarde. Deitamos na minha cama, ela fechou os olhos e, sem dizer nada, deixou que eu a despisse. Mas eu me atrapalhei todo. Não sou muito jeitoso no geral, e as roupas femininas são um negócio terrivelmente complexo. No meio do caminho Izumi desistiu de esperar, abriu os olhos e tirou, ela mesma, toda a roupa. Usava uma calcinha pequena azul-clara e um sutiã da mesma cor. Devia ter comprado ambos especialmente para esse dia, com o próprio dinheiro. Até então, ela sempre usava lingerie comuns, do

*image
not
available*

— Vamos tentar. Eu fico lá embaixo, e quando ela for no banheiro eu bato palmas duas vezes. Aí você desce, calça os sapatos e sai. Se conseguir escapar sem problemas, você me liga de um telefone público que tem um pouco adiante.

Minha tia cortou legumes, fez uma sopa de missô e preparou uma omelete, cantando despreocupada. Mas o tempo passava e nada de ela ir ao banheiro. Fui ficando irritadíssimo. “Vai ver essa mulher tem uma bexiga especial, gigante”, pensei. Eu já estava quase desistindo quando ela finalmente tirou o avental e saiu da cozinha. Depois de me certificar de que ela havia entrado no banheiro, eu bati duas palmas com força. Izumi desceu correndo com os sapatos nas mãos, calçou-os em um instante e abriu a porta sem fazer barulho. Fui até a cozinha e fiquei olhando para ter certeza de que ela tinha passado pelo portão. Logo em seguida minha tia saiu do banheiro, por pouco não cruzando com Izumi. Respirei fundo.

Cinco minutos depois, Izumi telefonou. Disse à minha tia que voltaria em quinze minutos e saí de casa. Ela estava me esperando diante do telefone público.

— Não quero mais fazer isso, viu!?! — disse ela, antes que eu pudesse abrir a boca. — Nunca mais faço uma coisa dessas!

Ela estava confusa e brava. Eu a levei para um parquinho próximo à estação e a fiz sentar em um banco. Apertei sua mão com delicadeza. Ela vestia um suéter vermelho e um sobretudo bege, não muito grosso. Pensei, com saudades, no que havia sob aquelas roupas.

— Mas hoje foi um dia incrível. Quer dizer, até minha tia chegar. Você não achou? — falei.

— Eu também gostei, sim. Sempre me divirto quando estou com você. Mas depois, quando estou sozinha, fico sem entender várias coisas.

— Por exemplo?

*image
not
available*

Ela ficou me olhando por um tempo.

— Por acaso você também é filho único?

— Sou — respondi.

Essa é a única conversa que me lembro de ter tido com ela. Tive esse pressentimento. “Será que ela não é filha única?”

Nós nem costumávamos comer e beber muito, só o estritamente necessário. Assim que nos víamos, tirávamos a roupa quase sem dizer nada e íamos para a cama transar. Não havia etapas nem um método. Eu estava faminto pelo que tinha diante dos olhos, só isso, e acho que ela também. Transávamos cinco ou seis vezes a cada encontro. Eu transava até não ter mais nada para ejacular, até a cabeça do meu pênis estar inchada e dolorida. Mas, apesar de tamanho entusiasmo, apesar do magnetismo que nos atraía um ao outro, nunca nos ocorreu a possibilidade de namorarmos, de viver felizes por muito tempo. Aquilo era como um tornado, e cedo ou tarde iria passar. Acho que ambos sentíamos que algo assim não poderia se sustentar por muito tempo. Por isso, sempre que nos encontrávamos, havia, em algum lugar da nossa mente, a possibilidade de que aquela fosse a nossa última vez juntos, o que aumentava ainda mais nosso desejo.

Para ser sincero, eu não estava apaixonado por ela. Ela também não estava apaixonada por mim. Mas, naquele momento, não me importava muito se eu a amava ou não. O importante era que eu estava envolto por uma força violenta, dentro da qual se escondia algo importante. Eu queria saber o que era. Se pudesse gostaria de enfiar a mão dentro do corpo dela e tocar essa coisa diretamente.

Eu gostava de Izumi, mas ela nunca me fez sentir essa força irracional. Por outro lado, eu não sabia nada sobre aquela mulher, sequer sentia afeto por ela, mas ela me fazia tremer e me atraía intensamente para perto de si. Se nunca conversamos a sério foi porque, no fim das contas, nunca sentimos necessidade de fazê-lo. Se tivéssemos energia suficiente para uma conversa séria, preferíamos usá-la para transar mais uma vez.

*image
not
available*

5

Não tenho muito para contar sobre os quatro anos que passei na faculdade.

No meu primeiro ano como universitário participei de manifestações e cheguei a enfrentar a polícia. Apoiei greves universitárias e compareci a reuniões políticas, nas quais conheci algumas pessoas interessantes. Mas não conseguia, de jeito nenhum, me entusiasmar de verdade com a luta política. Ficava desconfortável ao dar as mãos para meus companheiros nas manifestações e, quando tinha que jogar pedras nos policiais, sentia que estava deixando de ser eu mesmo. “Será que é mesmo isso que eu quero?”, me perguntava. Eu não conseguia ter um sentimento de solidariedade em relação às pessoas que estavam ao meu redor. O cheiro de violência que preenchia as ruas da cidade e as palavras agressivas em todas as bocas logo começaram a perder o brilho. Pouco a pouco, comecei a sentir saudades do tempo que passara com Izumi. Mas eu já não podia mais voltar para lá. Eu tinha deixado aquele mundo para trás.

Por outro lado, as coisas que eu estudava na faculdade quase não me interessavam. A maior parte das aulas em que me inscrevi eram tediosas e sem sentido. Nada nelas despertava minha curiosidade. Tive muitos trabalhos de meio período e quase não aparecia no campus, então foi um milagre eu conseguir me formar. Também tive algumas namoradas. Até morei junto com uma delas por uns seis meses, no terceiro ano. Mas no fim não deu certo. Naquela época, nem eu mesmo sabia o que queria da vida.

Quando me dei conta, a fase política havia acabado. As ondas que, por um momento, pareceram um enorme prenúncio de uma nova era,

*image
not
available*

Ela estava com um suéter vermelho de gola alta e jeans e calçava botinas comuns, de camurça. Praticamente não usava maquiagem e tinha o cabelo preso num rabo de cavalo. Disse que estava no quarto ano da faculdade, mas parecia mais nova. Eu não sabia se ela era sempre tão calada, se estava nervosa por estar com um desconhecido ou se simplesmente não tinha muito a dizer. O fato é que, no começo, não se estabeleceu entre nós nada que pudesse ser chamado realmente de conversa. Tudo o que consegui descobrir foi que ela estudava farmácia na faculdade.

— É legal, farmácia? — perguntei.

Nós estávamos sentados no café dentro do parque.

A pergunta a fez enrubescer um pouco.

— Tudo bem — falei. — Fazer livros didáticos também não é lá muito legal. Tem muita coisa sem graça no mundo, não precisa se incomodar com isso.

Ela pensou um pouco, depois finalmente abriu a boca.

— Não é particularmente legal. Mas é que minha família tem uma farmácia.

— Me conta alguma coisa sobre o assunto? Não sei nada sobre isso. Desculpa, já faz uns seis anos que não tomo remédio nenhum.

— Então você é bem saudável.

— Graças a deus, não tenho nem ressaca — falei. — Mas quando eu era criança eu era bem fraco. Ficava doente toda hora e tomava um monte de remédios. Eu sou filho único, quem sabe foi superproteção dos meus pais.

Ela assentiu e ficou olhando para a xícara de café. Muito tempo se passou antes de ela voltar a falar.

— Acho que farmácia não é mesmo um curso tão interessante — disse ela. — Deve ter coisas mais legais para fazer no mundo do que ficar decorando todos os componentes dos remédios. Mesmo dentro das ciências, não é uma área tão romântica quanto a astronomia ou tão

*image
not
available*

usava grandes óculos escuros. Tudo que eu via, da minha posição, era seu cabelo bonito e perfeitamente arrumado (tinha as pontas elegantemente penteadas para fora, na altura dos ombros) e as costas do sobretudo vermelho, macio e grosso. Eu queria descobrir se aquela era Shimamoto ou não, é claro. Comprovar isso não seria, em si, muito difícil. Bastaria ultrapassá-la e me virar para ver seu rosto. Mas se fosse mesmo ela, o que eu diria? Como deveria agir? Acima de tudo, será que ela ainda se lembraria de mim? Eu precisava de tempo para ordenar as ideias. Para recobrar o fôlego, organizar a mente, endireitar a postura.

Caminhei em seu encalço por muito tempo, tomando cuidado para não ultrapassá-la sem querer. Ela não se voltou para trás nem parou de andar em nenhum momento. Mal olhava para os lados. Parecia andar determinada rumo a algum destino. Caminhava com a coluna bem ereta e a cabeça erguida, como Shimamoto costumava fazer. Vendo só seus movimentos da cintura para cima e não a forma como ela movia a perna esquerda, acho que ninguém perceberia que ela era manca. Apenas a velocidade em que ela avançava era um pouco mais lenta do que a da maioria das pessoas. Quanto mais eu observava seu caminhar, mais ele me lembrava Shimamoto. Poderia ser sua irmã gêmea.

Ela atravessou a multidão das ruas próximas à estação de Shibuya e subiu em direção a Aoyama. Na ladeira, caminhava ainda mais devagar. Andou uma distância considerável, tão grande que não seria de estranhar se ela tivesse pegado um táxi. Aquela caminhada seria cansativa mesmo para alguém que não mancasse. Mas ela seguia adiante, arrastando a perna. E eu seguia atrás dela, mantendo uma distância apropriada. Ela nunca parava nem se voltava para trás. Sequer olhava para as vitrines. Trocou algumas vezes a bolsa e a sacola de mãos. Mas, fora isso, mantinha sempre a mesma postura e caminhava no mesmo ritmo.

Em determinado momento, a mulher saiu da avenida movimentada e começou a andar por ruas menores. Parecia conhecer muito bem o mapa daquela região. Logo ao lado da avenida, chegamos a uma zona

*image
not
available*

— Não vou tomar muito do seu tempo — disse ele. Falava sem nenhuma inflexão na voz. Aparentemente, não estava bravo ou exaltado. Continuava apertando meu cotovelo, sem expressão, com a atitude de quem segura uma porta para outra pessoa passar. — Vamos tomar um café e conversar.

Eu poderia simplesmente ter ido embora, é claro. Poderia ter dito “não quero tomar café nenhum e não tenho nada pra conversar com você. Eu nem te conheço. Com licença, estou com pressa”, ou coisa que o valha. Mas fiquei fitando o rosto daquele homem, sem dizer nada. Depois concordei com a cabeça e o acompanhei de volta para o café de onde tinha acabado de sair. Talvez a pressão da sua mão tenha me deixado com medo. Senti nela um tipo peculiar de consistência. A pressão não afrouxava nem se intensificava. Segurava-me com precisão, como uma máquina. Eu não podia imaginar qual seria a atitude daquele homem caso eu recusasse o convite.

Mas, além do temor, eu sentia também certa curiosidade. Queria saber o que ele tinha para me dizer. Talvez assim eu pudesse descobrir alguma coisa sobre aquela mulher. Além do mais, era improvável que ele me desse um soco no meio do café.

Entramos e nos sentamos frente a frente. Nenhum de nós disse nada até a garçonete se aproximar. Ficamos nos encarando fixamente por sobre a mesa, até que o homem pediu dois cafés.

— Por que você a seguiu por tanto tempo? — perguntou ele, num tom de voz educado.

Continuei em silêncio, sem responder.

Ele me fitou com seus olhos inexpressivos.

— Sei que você a seguiu desde Shibuya — disse ele. — Qualquer um percebe se for seguido por tanto tempo assim.

Eu não falei nada. A mulher deve ter percebido que estava sendo seguida, então entrou no café e ligou para esse homem.

*image
not
available*

— É que só eu sei — eu dizia. — Mas eu sei.

No começo, ela não acreditava no que eu estava dizendo. Mas, com o tempo, começou a acreditar.

Costumávamos sair para lugares tranquilos e conversávamos sobre vários assuntos. Eu conseguia falar com ela sobre tudo, com sinceridade e sem afetação. Ao seu lado, eu sentia o peso enorme de tudo o que havia perdido durante mais de uma década. Eu desperdiçara todos aqueles anos. Mas não era tarde demais. Ainda dava tempo. Eu precisava recuperar o máximo que conseguisse, enquanto ainda podia. Quando eu a abraçava, sentia no peito um tremor saudoso. Quando nos separávamos, eu me sentia desamparado e sozinho. A solidão me doía e o silêncio me irritava. E então, depois de três meses de namoro, eu a pedi em casamento. Isso foi uma semana antes do meu aniversário de trinta anos.

O pai de Yukiko era presidente de uma empresa de construção de médio porte. Era uma pessoa interessante, com pouca educação formal, mas muito competente no seu trabalho e dono de uma filosofia própria. Às vezes ele se mostrava um pouco agressivo e tinha atitudes com as quais eu não concordava, mas eu não podia deixar de admirar sua perspicácia. Nunca havia conhecido alguém assim. E, apesar de andar em um Mercedes com motorista, ele não era arrogante. Quando fui à sua casa e declarei a intenção de me casar com sua filha, ele disse apenas: “Vocês são adultos. Se gostam um do outro, fiquem à vontade”. Aos olhos da sociedade, eu era apenas um assalariado medíocre que trabalhava em uma empresa medíocre, mas ele não pareceu nem um pouco incomodado com isso.

Yukiko tinha um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Seu irmão iria herdar a empresa do pai e já trabalhava lá como vice-presidente. Não era má pessoa, mas, comparado com o pai, não tinha muito carisma. A irmã mais nova, universitária, era a mais extrovertida e chamativa dos

*image
not
available*

De fato, se eu nunca tivesse conhecido meu sogro, talvez estivesse até hoje editando livros didáticos. Estaria morando em um prédio sem graça em Nishi-Ogikubo e dirigiria um Toyota Corona usado, com o ar-condicionado meio ruim. Acho que, dentro das condições que me foram dadas, me saí muito bem. Coloquei dois estabelecimentos nos trilhos em pouco tempo, tinha mais de trinta funcionários sob meu comando e uma renda muito além da média. A organização com que eu administrava nossos livros contábeis era tanta que impressionava os fiscais da receita, e os bares tinham boa reputação. No entanto, eu não era a única pessoa no mundo capaz de fazer isso. Várias outras poderiam ter conseguido o mesmo. E sozinho, sem o capital e o conhecimento do meu sogro, eu não teria chegado a lugar nenhum. Pensar nisso me causava certo mal-estar. Tinha a impressão de ter usado um atalho desleal e recursos injustos para chegar onde estava. Sou da geração que atravessou as ferrenhas lutas estudantis do final da década de 1960 à primeira metade da década de 1970. Passamos por essa experiência, gostássemos ou não. Falando em linhas muito gerais, aquilo foi um grito de “não” à lógica do capitalismo mais desenvolvido, mais complexo e mais refinado, que estava começando a devorar o momentâneo idealismo do pós-guerra. Pelo menos foi a percepção que tive na época. Uma febre violenta que acompanhou um momento de transformação da sociedade. Mas, agora, eu vivia em um mundo criado segundo a lógica desse capitalismo desenvolvido. De repente, quando eu esperava o sinal abrir na avenida Aoyama, com as mãos no volante da BMW e escutando *A viagem de inverno* de Schubert, eu pensava: “Isso não parece a minha vida”. Era como se eu estivesse ocupando um lugar que pertencia a outra pessoa, vivendo de uma forma determinada por outra pessoa. Até onde este que está aqui sou eu mesmo, e quando deixa de ser? Essa mão que segura o volante é minha mesmo? Esta paisagem que me cerca é parte do mundo real? Quanto mais eu pensava sobre o assunto, menos sabia responder.

*image
not
available*

Ele deve ter sentido alguma rispidez na minha voz.

— Eu sei lá! Só sei que a vi em Toyohashi — disse ele. — Mas não foi nada de mais. Nem tenho certeza se era mesmo ela.

Ele pediu mais um Wild Turkey com gelo. Eu estava bebendo um *gimlet* de vodca.

— Mesmo que não seja nada de mais, me conta o que aconteceu.

— Quer dizer, não é bem isso — disse ele, um pouco sem jeito. — Digo que não foi nada de mais porque, na verdade, às vezes eu tenho a impressão de que não aconteceu de verdade. É uma sensação muito esquisita. Como se eu tivesse tido um sonho muito realista, sabe? Aconteceu mesmo, mas por algum motivo não parece uma coisa do mundo real. Não sei explicar direito.

— Mas aconteceu de verdade? — perguntei.

— Sim — disse ele.

— Então eu quero saber.

Ele concordou, resignado, e tomou um gole do uísque trazido pelo barman.

— Fui pra Toyohashi porque minha irmã está morando lá. Eu tinha um compromisso de trabalho em Nagoya que acabou numa sexta, então resolvi aproveitar e passar uma noite na casa da minha irmã. E foi aí que me encontrei com a Izumi. No elevador do prédio onde minha irmã mora. Na hora eu só pensei “nossa, parece muito!”. Mas nem me ocorreu que fosse mesmo Izumi Ohara. Afinal, eu nunca imaginaria que fosse encontrar com ela dentro do elevador do prédio da minha irmã, em Toyohashi. E o rosto dela estava tão diferente, nem eu sei como reconheci tão rápido. Deve ter sido tipo uma intuição.

— Mas então era mesmo a Izumi?

Ele concordou.

— Por coincidência, ela morava no mesmo andar que a minha irmã. Saímos juntos do elevador e fomos na mesma direção. Aí ela entrou num

*image
not
available*

— Então o que tem de assustador nela?

Ele tomou mais um gole do uísque e apoiou devagar o copo no balcão. Depois me encarou por um tempo. Parecia hesitar, sem saber o que fazer. Mas, além disso, vi outra expressão surgir em seu rosto. Eu finalmente consegui reconhecer nele um resquício dos tempos de escola. Ele passou um tempo com o rosto erguido, olhando ao longe. Como se tentasse enxergar aonde ia dar um rio. Depois disso, falou:

— Eu não consigo explicar direito, e nem quero. Então, por favor, não me pergunte mais. Se você visse com os próprios olhos, entenderia. Sem ver, não tem como eu te explicar.

Eu não falei mais nada. Só concordei com a cabeça e tomei um gole do meu *gimlet* de vodca. O tom de voz dele era tranquilo, mas não dava espaço para qualquer insistência da minha parte.

Depois disso ele me contou que tinha morado dois anos no Brasil, a trabalho. “Você acredita que encontrei um colega da escola fundamental em São Paulo? Ele é engenheiro e trabalha na Toyota.”

Mas é claro que essa história mal entrou nos meus ouvidos. Quando nos despedimos, ele bateu no meu ombro.

— Escuta, os anos mudam as pessoas, de vários jeitos. Não sei o que aconteceu entre vocês naquela época, mas o que quer que tenha sido, a culpa não é sua. Todo mundo passa, em maior ou menor grau, por coisas assim. Eu também. Não estou mentindo, já passei por muita coisa. É a vida, não adianta. No fim das contas, a vida de cada um é a vida de cada um. Não tem como você tomar o lugar de outra pessoa e se responsabilizar pelo que aconteceu com ela. Isso aqui é um deserto e o jeito é se acostumar com ele. Quando era criança você não viu aquele filme do Walt Disney, *O drama do deserto*?

— Vi, sim.

— É a mesma coisa. O mundo é aquilo lá. Se chover, as flores brotam, se não chover, elas secam. Os insetos são devorados pelos lagartos, que são devorados pelos pássaros. E, cedo ou tarde, todo mundo vai morrer.

*image
not
available*

Ela era de uma beleza estonteante, mas não parecia ser atriz ou modelo. Mulheres dessas profissões apareciam bastante no meu bar, mas elas tinham o ar de quem sabe estar sempre sendo observada, uma atitude de quem diz “sim, sou eu”. Aquela mulher era diferente. Estava relaxada e se misturava bem ao ambiente. Com o cotovelo no balcão e o queixo apoiado na mão, escutava a música do trio de jazz e tomava seu coquetel devagar, como quem lê atentamente um texto bem escrito. Vez ou outra, dava uma olhada em minha direção. Senti isso algumas vezes. Mas não achei que ela estivesse, de fato, olhando para mim.

Eu estava de terno e gravata, como sempre. A gravata era Armani, o terno Soprani Uomo, a camisa também Armani. Os sapatos eram Rossetti. Eu não ligo muito para roupas. Acho idiota gastar mais do que o necessário com isso, a princípio. Para mim, qualquer calça jeans e um suéter são suficientes para o dia a dia. No entanto, tenho uma modesta filosofia. Acho que o dono de um bar deve usar o tipo de roupa que ele gostaria que seus clientes vestissem. Isso gera uma leve tensão tanto entre os clientes quanto entre os funcionários. Então, quando vou para os meus bares, faço questão de vestir um terno elegante e sempre uso gravata.

Fiquei lá provando os coquetéis, observando a clientela e assistindo à apresentação do trio de músicos. No começo o bar estava bem cheio, mas depois das nove uma chuva forte começou a cair e as pessoas pararam de chegar. Às dez, já dava para contar as mesas ocupadas. Mas a mulher continuava lá, bebendo seu daiquiri em silêncio. Fui ficando cada vez mais intrigado. Pelo jeito, ela não estava esperando ninguém. Não verificava as horas nem olhava para a porta.

Finalmente, ela se levantou com a bolsa na mão. Já eram quase onze horas. Quem quisesse voltar de metrô precisava sair logo. Mas ela não foi embora. Se aproximou devagar, sem alarde, e se sentou no banco ao meu lado. Senti seu perfume suave. Depois de ajeitar o corpo no banco, ela tirou um maço de Salem da bolsa e colocou um cigarro na boca.

*image
not
available*

O trio terminou de tocar “Corcovado” e alguns clientes aplaudiram. Conforme a noite avançava, a banda ia se soltando e a performance ficava mais íntima. É sempre assim. No intervalo entre as músicas, o pianista pegou uma taça de vinho tinto e o baixista acendeu um cigarro.

Shimamoto tomou um gole do seu coquetel.

— Sabe, Hajime... Para falar a verdade, eu fiquei muito em dúvida se devia vir aqui. Passei quase um mês indecisa, sem saber o que fazer. Eu estava folheando uma revista e descobri que você era dono desse bar. No começo, achei que era algum engano. Você não tinha a menor cara de quem um dia seria dono de bares. Mas era o seu nome escrito e o seu rosto na foto. Meu antigo vizinho, Hajime. Fiquei muito feliz de te rever, mesmo que por uma foto. Mas eu não sabia se te encontrar de verdade seria uma boa ideia. Tinha a impressão de que seria melhor, para nós dois, se a gente não se visse. Que talvez eu devesse me contentar em saber que você estava bem.

Eu a escutei, em silêncio.

— Mas, no fim, resolvi vir só para te ver um instante, já que eu sabia onde você estava. Sentei e fiquei te vendo, bem perto de mim. Se você não percebesse quem eu era, eu pretendia voltar para casa sem falar com você. Mas não aguentei. Ver você me trouxe tantas memórias que não consegui ir embora sem dizer nada.

— Por quê? — perguntei. — Quer dizer, por que você achou que seria melhor não vir?

Ela pensou por um tempo, correndo o dedo pela borda do copo.

— Pensei que, se a gente se encontrasse, você ia querer saber várias coisas sobre mim. Se eu sou casada, onde moro, o que fiz durante todos esses anos. Não é?

— Seria o rumo normal da conversa.

— Claro, eu também acho que seria o normal.

— Mas você não quer falar sobre essas coisas.

*image
not
available*

— Não sei bem se sou feliz. Mas pelo menos acho que não sou infeliz nem solitário — falei. E acrescentei depois de um momento: — Mas de vez em quando, por um motivo qualquer, eu me pergunto se aquelas horas que passamos ouvindo música juntos na sala da sua casa não foram as mais felizes da minha vida.

— Tenho aqueles discos até hoje, sabia? Nat King Cole, Bing Crosby, Rossini, *Peer Gynt*, todos eles, não falta nenhum. Quando meu pai morreu, fiquei com os discos como recordação. A gente escutava com tanto cuidado que eles não têm risco nenhum. Você lembra o jeito que eu mexia neles?

— Então seu pai faleceu?

— Há cinco anos, de câncer no reto. Um jeito terrível de morrer. Era um homem tão saudável...

— E sua mãe está bem? — perguntei.

— Sim, deve estar.

Alguma coisa no seu tom de voz me intrigou.

— Você não se dá muito bem com ela?

Shimamoto terminou o daiquiri, pousou o copo no balcão e chamou o barman.

Então me perguntou:

— Tem algum coquetel que você recomenda?

— Temos alguns coquetéis originais da casa. O mais popular tem o nome do bar, Robin's Nest. Fui eu que inventei. A base é rum e vodca. É fácil de tomar, mas é forte.

— Deve ser bom pra seduzir mulheres.

— Talvez você não saiba, Shimamoto, mas é só pra isso que existem os coquetéis.

Ela riu.

— Bom, então vou querer um desses.

Quando o coquetel chegou, ela observou sua cor por um tempo, depois sorveu um gole, fechou os olhos e deixou que o sabor se

*image
not
available*

Peguei o casaco dela na chapelaria e a ajudei a vesti-lo. Parado ao seu lado, percebi que ela já não era mais tão alta. Achei estranho lembrar que aos doze anos nós tínhamos a mesma altura.

— Shimamoto, vou poder te ver de novo?

— Talvez... — disse ela. Um sorriso discreto se formou nos seus lábios. Um sorriso como uma leve fumaça subindo pelo ar, num dia sem vento. — Talvez.

Então ela abriu a porta e saiu. Depois de uns cinco minutos, eu também subi as escadas e saí para a rua. Fiquei preocupado e queria saber se ela tinha conseguido pegar um táxi. Continuava chovendo. Shimamoto não estava mais lá. A rua estava deserta. Só as luzes dos faróis dos carros se alongavam, borradas, sobre o asfalto molhado.

Quem sabe foi tudo uma ilusão, pensei. Passei muito tempo parado ali, olhando a chuva que caía na rua. Me sentia novamente um menino de doze anos. Quando era criança, nos dias chuvosos, era comum eu ficar parado sem fazer nada, só olhando as gotas caírem. Assistindo à chuva assim, sem pensar em nada, tinha a impressão de que meu corpo estava se desfazendo aos poucos e deixando de fazer parte do mundo real. A chuva deve ter um tipo de efeito hipnótico. Pelo menos era o que eu sentia naquele tempo.

Mas não tinha sido uma ilusão. Quando voltei para o bar, o copo e o cinzeiro ainda estavam diante do banco onde Shimamoto estivera sentada. Dentro do cinzeiro havia alguns tocos de cigarro, amassados, com marcas leves de batom. Sentei ao lado dele e fechei os olhos. Aos poucos, o som da música foi se afastando, e eu fiquei sozinho. Nessa escuridão macia, a chuva continuava a cair.

*image
not
available*

Em seguida, ela pediu um Robin's Nest para o barman. Eu pedi o mesmo. Quando o coquetel chegou ela tomou um gole, assentiu de leve e o pousou no balcão.

— Por que será que os coquetéis que eu tomo aqui são mais gostosos do que os dos outros bares?

— Porque a gente se dedica — falei. — Sem esforço, as coisas não dão certo.

— Que tipo de esforço?

— Por exemplo, esse menino — disse eu, apontando o barman jovem e bonito que picava o gelo com uma expressão muito compenetrada. — Eu pago um salário altíssimo para ele. Uma soma que deixaria qualquer um espantado. Os outros funcionários não sabem, mas eu pago. Sabe por quê? Porque ele tem um dom para fazer coquetéis. As pessoas compreendem isso muito bem, mas fazer um bom coquetel requer talento. Quer dizer, treinando bastante qualquer um consegue melhorar. Se você passar alguns meses aprendendo as técnicas, vai conseguir servir coquetéis que não envergonham ninguém. Os coquetéis da maioria dos bares estão nesse nível. São passáveis. Mas, para ir além disso, é preciso talento. É a mesma coisa que tocar piano, pintar, correr cem metros rasos. Pessoalmente, eu diria que sei fazer coquetéis bem decentes. Estudei bastante e pratiquei por muito tempo. Mas, por mais que eu me esforce, não sou páreo para ele. Posso usar as mesmas bebidas, sacudir a coqueteleira do mesmo jeito, durante o mesmo tempo, que o resultado não será igual. Não adianta. Só pode ser uma questão de talento. É como na arte. Há uma linha, e tem gente que consegue ultrapassar essa linha e gente que não consegue. Então, quando descubro alguém talentoso, cuido para que a pessoa não vá embora. Pago um bom salário.

Esse menino era homossexual, e por isso às vezes outros gays se reuniam ao seu redor no balcão. Mas eu não me incomodava, eram pessoas tranquilas. Eu gostava dele, e ele também confiava em mim e trabalhava muito bem.

*image
not
available*

— Coisas sem forma física — falei. Olhei para minhas próprias mãos, pousadas sobre os joelhos.

Shimamoto me fitou longamente, com o copo na mão.

— Como sentimentos, você quer dizer?

— Isso — falei. — Todas as coisas vão desaparecer, cedo ou tarde. Esse bar aqui, inclusive, não vai existir para sempre. Basta só o gosto das pessoas mudar um pouco, a economia oscilar, e tudo o que está aqui desaparece num instante. Eu já vi muitos exemplos disso. Acontece num piscar de olhos. Tudo o que tem forma física cedo ou tarde desaparece. Mas há um tipo de sentimento que dura para sempre.

— É, mas também há sentimentos que são amargos justamente porque não se apagam, Hajime. Você não acha?

O saxofonista se aproximou e me agradeceu pela bebida. Eu agradei pela música.

— Os músicos de jazz de hoje em dia são muito educados — expliquei a Shimamoto. — Quando eu estava na faculdade, eles não eram assim. Quando você pensava em músicos de jazz, eram todos drogados, boa parte não batia bem da cabeça. Mas de vez em quando faziam uns shows inacreditáveis, que te faziam cair de costas. Eu ia muito aos clubes de jazz em Shinjuku, em busca dessa experiência de ser arrebatado.

— Você gosta desse tipo de gente, né, Hajime?

— É, acho que sim — falei. — Não é a busca por experiências medianas que faz as pessoas se entregarem. É a busca por uma experiência sublime. Mesmo que nove de cada dez tentativas não deem em nada, as pessoas continuam indo atrás da décima. E é isso que move o mundo. Me pergunto se a arte não é justamente isso.

Encarei novamente minhas mãos sobre os joelhos. Depois ergui o rosto e olhei para Shimamoto. Ela estava esperando que eu continuasse.

— Mas hoje as coisas são um pouco diferentes. Agora eu sou um administrador. Invisto capital, recolho os lucros. Não sou artista nem

*image
not
available*

de que ela achava bom, às vezes, eu me encontrar com pessoas de outros mundos e respirar outros ares.

— Vamos sair de manhã cedinho e acho que devo estar de volta antes das oito. Janto em casa — falei.

— Tudo bem! Inclusive, minha irmã falou que vem me visitar no domingo — disse ela. — Então, se o tempo estiver bom, podemos preparar um lanche e fazer um piquenique no parque Shinjuku Gyoen. Só as meninas!

— Não é má ideia — falei.

No dia seguinte, fui a uma agência de viagens e reservei as passagens de avião e o aluguel de um carro. O voo de volta chegaria em Tóquio às seis e meia da tarde. Se eu corresse, chegaria em casa a tempo do jantar. Depois disso fui para o bar e esperei Shimamoto ligar. O telefone tocou às dez horas.

— Vai ser meio corrido, mas consegui me organizar. Pode ser no domingo? — falei.

Falei o horário do voo e combinei um ponto de encontro no aeroporto de Haneda.

— Desculpa, mesmo, por tudo isso — disse Shimamoto.

Depois de desligar, sentei no balcão e fiquei lendo. Mas a balbúrdia do bar me incomodava e eu não conseguia me concentrar no livro. Fui ao banheiro, lavei o rosto e as mãos com água gelada e fiquei me olhando no espelho. Menti para Yukiko, pensei. Eu já havia mentido para ela algumas vezes. Quando dormi com outras mulheres, contei algumas pequenas mentiras. Mas, nesses casos, eu não sentia que a estava enganando. Eram apenas passatempos inofensivos. “Dessa vez, não é certo”, pensei. Eu não pretendia dormir com Shimamoto. Mas mesmo assim não era certo. Encarei longamente meus olhos no espelho, como não fazia há muito. Mas eles não refletiam nada de quem eu era. Apoiei as mãos na pia e respirei fundo.